

A ATIVIDADE CONSCIENTE DO HOMEM E SUAS RAÍZES HISTÓRICO-SOCIAIS

Aleksandr R. Luria

Princípios gerais

Por suas peculiaridades fundamentais, a atividade consciente do homem difere acentuadamente do comportamento individualmente variável dos animais.

As diferenças da atividade consciente do homem sintetizam-se em três traços fundamentais, opostos àqueles pelos quais acabamos de caracterizar o comportamento dos animais.

O primeiro desses traços consiste em que a atividade consciente do homem *não está obrigatoriamente ligada a motivos biológicos*. Além do mais, a grande maioria dos nossos atos não se baseia em quaisquer inclinações ou necessidades biológicas. Via de regra, a atividade do homem é regida por complexas necessidades, frequentemente chamadas de “superiores” ou “intelectuais”. Situam-se entre elas as necessidades cognitivas, que incentivam o homem à aquisição de novos conhecimentos, a necessidade de comunicação, a necessidade de ser útil à sociedade, de ocupar, nesta, determinada posição, etc.

Encontramos frequentemente situações nas quais a atividade consciente do homem, além de não se sujeitar às influências e necessidades biológicas, ainda entra em conflito com elas e chega inclusive a reprimi-las. São amplamente conhecidos casos de heroísmo em que o homem, movido por elevados motivos de patriotismo, cobre com seu corpo bocas de fogo ou se lança à morte sob tanques; esses casos são apenas exemplos da independência do comportamento do homem em relação aos motivos biológicos.

Entre os animais não há semelhantes formas de comportamento “desinteressado”, que se baseiam em motivos não-biológicos.

O segundo traço característico da atividade consciente do homem consiste em que, à diferença do comportamento do animal, ela não é forçosamente determinada por impressões evidentes, recebidas do meio, ou por vestígios da experiência individual imediata.

Sabe-se que o homem pode refletir as condições do meio de modo imediatamente mais profundo do que o animal. Ele pode abstrair a impressão imediata, penetrar nas conexões e dependências profundas das coisas, conhecer a dependência causal dos acontecimentos e, após interpretá-los, tomar como orientação não impressões exteriores porém leis mais profundas. Assim, ao sair a passeio num claro dia de outono, o homem pode levar guarda-chuva, pois sabe que o tempo é instável no outono. Aqui ele obedece a um profundo conhecimento das leis da natureza e não à impressão imediata de um tempo de sol e céu claro. Sabendo que a água do poço está envenenada, o homem nunca irá bebê-la, mesmo que esteja com muita sede; neste caso, seu comportamento não é orientado pela impressão imediata da água que o atrai mas por um conhecimento mais profundo que ele tem da situação.

A atividade consciente do homem não pode tomar como orientação a impressão imediata da situação exterior e sim um conhecimento mais profundo das leis interiores dessa situação, razão por que há todo fundamento para afirmar-se que o comportamento humano, baseado no reconhecimento da necessidade, *é livre*.

Por último, há o terceiro traço característico, que difere a atividade consciente do homem do comportamento animal. Diferentemente do animal, cujo comportamento tem apenas duas fontes – 1) os programas hereditários de comportamento, jacentes no genótipo e 2) os resultados da experiência individual –, a atividade consciente do homem possui ainda uma terceira fonte: a grande maioria dos conhecimentos e habilidades do homem se forma por meio da *assimilação da experiência de toda a humanidade*, acumulada no processo da história social e transmissível no processo de aprendizagem.

Desde o momento em que nasce, a criança forma o seu comportamento sob a influência das coisas que se formaram na história: senta-se à mesa, come com colher, bebe em xícara e mais tarde corta o pão com a faca. Ele assimila aquelas habilidades que foram criadas pela história social ao longo de milênios. Por meio da fala transmitem-lhe os conhecimentos mais elementares e posteriormente, por meio da linguagem, ele assimila na escola as mais importantes aquisições da humanidade. A grande maioria de conhecimentos, habilidades e procedimentos do comportamento de que dispõe o homem não são o resultado de sua experiência própria mas adquiridos pela assimilação da experiência histórico-social de gerações. Este traço diferencia radicalmente a atividade consciente do homem do comportamento do animal.

Há muito tempo uma questão tem ocupado a filosofia e a Psicologia: como explicar os traços da atividade consciente do homem que acabamos de enumerar?

Na história da filosofia e da ciência podemos distinguir duas vias inteiramente diferentes de solução dessa questão.

Uma delas, típica da *filosofia idealista*, partia das posições do *dualismo*. A tese básica dessa corrente reduzia-se não só ao reconhecimento de acentuadas diferenças de princípio entre o comportamento do animal e a consciência do homem, como também à tentativa de explicar essas diferenças alegando que a consciência do homem deve ser considerada como manifestação de um princípio espiritual especial de que carece o animal.

A tese segundo a qual o animal deve ser visto como uma máquina complexa, cujo comportamento obedece as leis da mecânica, e o homem como dotado do princípio espiritual com livre-arbítrio partiu de Descartes, tendo sido repetida posteriormente pela filosofia idealista sem mudança considerável. É fácil perceber que, apontando a diferença de princípio entre o comportamento do animal e a atividade consciente do homem, essa corrente não dá nenhuma explicação científica aos referidos fatos.

A segunda via de solução do problema da originalidade da atividade consciente caracteriza o positivismo evolucionista. Segundo essa teoria, a atividade consciente do homem é resultado direto da evolução do mundo animal, já se podendo observar nos animais todos os fundamentos da consciência humana. O primeiro cientista a formular essas teses foi Charles Darwin, que em várias de suas obras tentou mostrar que, na forma embrionária, os animais já têm todas as formas de atividade racional inerente ao homem e que não há limites precisos e basilares entre o comportamento dos animais e a atividade consciente do homem.

O enfoque naturalista, que tentava estudar uma linha única de desenvolvimento da consciência dos animais ao homem, desempenhou papel positivo em seu tempo no combate às concepções dualistas pré-científicas. No entanto as afirmações de que os animais têm em embrião todas as formas da vida consciente do homem, o enfoque antropomórfico da “razão” e das “vivências” dos animais, bem como a falta de vontade de reconhecer as diferenças de princípio entre o comportamento dos animais e a atividade consciente do homem continuaram a ser o ponto fraco do positivismo naturalista. Ficava sem solução o problema da origem das peculiaridades da atividade consciente do homem, que foram ressaltadas acima.

A Psicologia científica, que parte dos princípios do marxismo, focaliza de posições inteiramente diferentes o problema da origem da atividade consciente do homem.

É sabido que toda a atividade psíquica dos animais, que cria a base para a orientação no meio ambiente, forma-se nas condições das formas de vida que caracterizam uma espécie de animais.

O que é que caracteriza as formas de vida que diferenciam a atividade consciente do homem do comportamento dos animais e nas quais devemos procurar as condições que formam essa atividade consciente?

As peculiaridades da forma superior de vida, inerente apenas ao homem, devem ser procuradas na *forma histórico-social de atividade*, que está relacionada com o trabalho social, com o emprego de instrumentos de trabalho e com o surgimento da linguagem. Essas formas de vida não existem nos animais, e a transição da história natural do animal à história social da humanidade deve ser considerada um importante passo assim como a transição da matéria inanimada à animada ou da vida vegetal à animal.

Por isto as raízes do surgimento da atividade consciente do homem não devem ser procuradas nas peculiaridades da “alma” nem no íntimo do organismo humano mas nas condições sociais de vida historicamente formadas.

São justamente essas condições que fazem com que, com a transição para a história social, mude radicalmente a estrutura do comportamento. Junto com os motivos biológicos do comportamento, surgem os motivos superiores (“intelectuais”) e necessidades, concomitantes com o comportamento que depende da percepção imediata do meio. Surgem formas superiores de comportamento, baseadas na abstração das influências imediatas do meio, e, juntamente com as duas fontes do comportamento – os programas de comportamento consolidados por via hereditária e a influência da experiência passada do próprio indivíduo –, surge uma terceira fonte formadora da atividade: a transmissão e assimilação da experiência de toda a humanidade.

Abordemos mais detidamente as raízes histórico-sociais da complexa atividade consciente do homem.

O trabalho e a formação da atividade consciente

A ciência histórica destaca dois fatores, que servem de fonte à transição da história natural dos animais à história social do homem. Um desses fatores é o *trabalho social e o emprego dos instrumentos de trabalho*, o outro, o surgimento da *linguagem*.

Examinemos o papel desempenhado por esses dois fatores na mudança radical das formas de atividade psíquica e no surgimento da consciência.

Sabe-se que, à diferença do animal, o homem tanto emprega os instrumentos de trabalho como prepara esses instrumentos. Os remanescentes desses instrumentos, que pertencem à época mais antiga da história da humanidade, mostram que, se as lascas de pedra tosca são os instrumentos de trabalho mais primitivos, na etapa posterior já surgem os instrumentos (a lâmina, a flecha) preparados especialmente pelo homem. Nesses instrumentos podemos distinguir tanto o gume, com o qual o homem primitivo podia esfolar o animal morto ou cortar pedaços de árvore, como a “lombada”, a parte arredondada, que servia para manter-se comodamente na mão. É natural que arma dessa natureza exige preparo especial, que, pelo visto, cabia aos preferidos do grupo primitivo ou à mulher, que ficava em casa enquanto o homem ia à caça.

A preparação dos instrumentos (que às vezes subentendia também a divisão natural do trabalho) por si só já mudava radicalmente a atividade do homem primitivo, distinguindo-a do comportamento do animal. O trabalho desenvolvido na preparação dos instrumentos já não é uma simples atividade, determinada por motivo biológico imediato (a necessidade de alimento). Por si só a atividade de elaboração da pedra carece de sentido e não tem qualquer justificativa em termos biológicos; ela adquire sentido somente a partir do uso posterior do instrumento preparado na caça, ou seja, exige, juntamente com o conhecimento da operação a ser executada, o conhecimento do futuro emprego do instrumento. É esta a condição fundamental, que surge no processo de preparação do instrumento de trabalho, e por ser chamada de primeiro surgimento da consciência, noutros termos, *primeira forma de atividade consciente*.

Essa atividade de preparação dos instrumentos de trabalho leva a uma *mudança radical de toda a estrutura do comportamento*.

O comportamento do animal fora sempre *voltado imediatamente para a satisfação de uma necessidade*. Diferentemente disto, no homem que preparava seus instrumentos de trabalho, *o comportamento adquiria caráter de estrutura complexa*; da atividade, voltada para a satisfação imediata de uma necessidade, separa-se uma *ação* especial, que adquire seu sentido posteriormente, quando o produto dessa ação (preparação do instrumento) será empregado para matar a vítima e deste modo satisfazer a necessidade de alimento. A mudança mais importante da estrutura geral do comportamento – surgida no processo de transição da história natural do animal à história social do homem – *dá-se quando, da atividade geral, separa-se uma “ação” que não é dirigida imediatamente por motivo biológico e só adquire sentido com o emprego posterior dos seus resultados*. Percebe-se facilmente que, na medida em que se tornam mais complexas

a sociedade e as formas de produção, essas ações, não dirigidas imediatamente por motivos biológicos, começam a ocupar posição cada vez mais marcante na atividade consciente do homem.

Contudo, a complicação da estrutura da atividade durante a transição à história social do homem não se limita à mudança que acabamos de mencionar.

A preparação dos instrumentos de trabalho requer uma série de procedimentos e modos (desbastar uma pedra com outra, friccionar dois pedaços de madeira na obtenção do fogo), por outras palavras, exige a separação de várias *operações* auxiliares. A separação dessas “operações” é o que constitui a sucessiva complicação da estrutura da atividade.

Deste modo, a separação entre a atividade biológica geral, e as “ações” especiais não é determinada imediatamente por motivo biológico, mas é dirigida pelo *objetivo consciente*, que adquire sentido apenas na comparação dessas ações com o resultado final. O surgimento de várias “operações” auxiliares por meio das quais se executa essa atividade é o que constitui a *mudança radical* do comportamento, que é o que representa uma nova *estrutura de atividade consciente do homem*. A complexa organização de “ações” conscientes, que se separa da atividade geral, leva ao *surgimento de formas* de comportamento, que não são *diretamente dirigidas por motivos biológicos*, podendo inclusive opor-se algumas vezes a eles.

Assim é, por exemplo, a caça na sociedade primitiva, durante a qual um grupo de caçadores “assusta” e *afugenta* a caça que deve ser apanhada, enquanto outro grupo arma emboscada para ela; aqui poderia parecer que as ações do primeiro grupo contradizem as necessidades naturais de apanhar a caça e só adquirem sentido a partir das ações do segundo grupo cujo resultado é a caça da vítima pelos caçadores.

Torna-se claro que a *atividade consciente do homem não é produto do desenvolvimento natural de propriedades jacentes no organismo* mas o resultado de novas formas histórico-sociais de atividade-trabalho.

A linguagem e a consciência do homem

O surgimento da *linguagem* é a segunda condição que leva à formação da atividade consciente de estrutura complexa do homem.

Costuma-se entender por linguagem um *sistema de códigos* por meio dos quais *são designados os objetos do mundo exterior, suas ações, qualidades, relações entre eles*, etc. Assim, na

linguagem, a palavra “cadeira” designa um tipo de móvel que serve de assento, a palavra “pão” designa um objeto comestível, enquanto “dorme”, “corre” designam ações, “ácido”, “plano” designam qualidades dos objetos e as palavras auxiliares “sobre”, “sob”, “juntamente”, “em consequência” designam relações diferentes por complexidade entre os objetos.

É natural que as palavras, unidas em frases, são os principais *meios de comunicação* mediante os quais o homem conserva e transmite informação e assimila a experiência acumulada por gerações inteiras de outras pessoas.

Essa linguagem não existe entre os animais e surge somente no processo de transição à sociedade humana. O animal possui meios muito variados de *expressão de seus estados*, que são percebidos por outros animais e podem exercer influência substancial sobre o comportamento destes. O guia de um bando de cegonhas, ao sentir o perigo, solta gritos alarmantes aos quais o bando reage vivamente. Numa manada de macacos podemos observar todo um conjunto de sons, que expressa satisfação, agressão, medo ao perigo, etc. Podemos observar um sistema muito complexo de movimentos expressivos nas chamadas “danças” das abelhas, que mudam de caráter dependendo de ter a abelha regressado do voo com boa prenda e modificam-se dependendo da direção e da distância do caminho percorrido. Esses “segredos” são transmitidos a outros indivíduos e podem orientar de modos diferentes o comportamento das abelhas.

Mas a “linguagem” dos animais *nunca designa coisas*, não distingue ações nem qualidades, portanto, *não é linguagem na verdadeira acepção da palavra*.

O problema do surgimento da linguagem humana é o objeto de inúmeras hipóteses e teorias.

Algumas delas consideram a linguagem manifestação do campo espiritual, atribuindo-lhe, de acordo com a Bíblia, “origem divina”. Essas teorias são muito vagas e omitem o fato de que a linguagem é uma especial “forma simbólica de existência”, que faz distinção entre a vida intelectual e qualquer manifestação do mundo material.

Outras teorias, seguindo as tradições do positivismo naturalista, tentam, inutilmente, ver a linguagem como resultado da evolução do mundo animal e interpretam como formas iniciais da evolução da linguagem os fenômenos de “comunicação” entre os animais que descrevemos.

Mas a solução científica do problema da origem da linguagem só se tornou possível quando a filosofia e a ciência abandonaram as tentativas de procurar as raízes da linguagem no âmago do organismo e de deduzi-la diretamente das peculiaridades do “espírito” ou do cérebro, concluindo que *as condições que originaram o fenômeno devem ser procuradas nas relações*

sociais do trabalho cujos primórdios de surgimento remontam ao período de transição da história natural à história humana.

A ciência não dispõe de métodos que permitam observar imediatamente as condições que originaram a linguagem, restando para a área da ciência, denominada “paleontologia da fala”, apenas o caminho das hipóteses que se confirmam por via indireta. Há muitos fundamentos para se pensar que o surgimento da linguagem teve seus primórdios nas formas de comunicação contraídas pelos homens no processo de trabalho.

A forma conjunta de atividade prática faz surgir forçosamente no homem a necessidade de transmitir a outros certa informação: esta não pode ficar restrita à expressão de estados subjetivos (vivências), devendo, ao contrário, *designar os objetos* (coisas ou instrumento) *que fazem parte da atividade do trabalho conjunto*. Segundo as teorias originárias da segunda metade do século XIX, os primeiros sons que designam objetos surgiram no processo do trabalho conjunto.

Entretanto seria incorreto pensar que os sons, que assumiram paulatinamente a função de transmitir certa informação, eram “palavras” capazes de designar com independência os objetos, suas qualidades, ação ou relações. Os sons, que começavam a indicar determinados objetos, ainda não tinham existência autônoma. Estavam *entrelaçados na atividade prática*, eram acompanhados de gestos e entonações expressivas, razão por que *só era possível interpretar o seu significado conhecendo a situação evidente em que eles surgiam*. Além do mais, nesse complexo de meios de expressão parece que, a princípio, coube posição determinante aos atos e gestos: estes, segundo muitos autores, constituíam os fundamentos de uma original linguagem ativa ou “linear” e só bem mais tarde o papel determinante passou a ser desempenhado pelos sons, que propiciaram a base para uma evolução paulatina de uma *linguagem de sons* independente. Durante muito tempo, porém, essa linguagem manteve a mais estreita ligação com o gesto e o ato e por isto o mesmo complexo de sons (ou “protovocabulo”) podia designar o objeto para o qual a mão apontava, a própria mão e a ação produzida com esse objeto. Só depois de muitos milênios a linguagem dos sons começou a separar-se da ação prática e a adquirir independência. É a essa época que pertence o surgimento das primeiras palavras autônomas, que designavam objetos e bem mais tarde passaram a servir para distinguir as ações e as qualidades dos objetos. *Surgiu a língua como um sistema de códigos independentes*, que durante um longo período histórico posterior de desenvolvimento assumiu a forma que distingue as línguas atuais.

Enquanto sistema de códigos que designam os objetos, suas ações, qualidades ou relações e serve de meio de transmissão de informação, a linguagem teve importância decisiva para a

posterior reorganização da atividade consciente do homem. Por isto tem razão os cientistas que afirmam que, a par com o trabalho, *a linguagem é o fator fundamental da formação da consciência.*

O surgimento da linguagem imprime ao menos três mudanças essenciais à atividade consciente do homem. A primeira dessas mudanças consiste em que, designando os objetos e eventos do mundo exterior com palavras isoladas ou combinações de palavras, a linguagem permite *discriminar esses objetos, dirigir a atenção para eles e conservá-los na memória.* Resulta daí que o homem *está em condições de lidar com os objetos do mundo exterior inclusive quando eles estão ausentes.* É bastante a pronúncia interna ou externa de uma palavra para o surgimento da imagem do objeto correspondente e o homem pôr-se em condições de operar com essa imagem. Por isto podemos dizer que a linguagem *duplica o mundo perceptível,* permite conservar a informação recebida do mundo exterior e cria um mundo de imagens interiores. Percebe-se facilmente que importância tem o surgimento desse mundo “interior” de imagens, que surge como base na linguagem e pode ser usado pelo homem em sua atividade.

O segundo papel essencial da linguagem na formação da consciência consiste em que as palavras de uma língua não apenas indicam determinadas coisas como abstraem as propriedades essenciais destas, relacionam as coisas perceptíveis a determinadas categorias. Essa possibilidade de assegurar o processo de *abstração e generalização* representa a segunda contribuição importantíssima da linguagem para a formação da consciência.

Por exemplo, as palavras “relógio” e “mesa” designam não apenas certos objetos. A palavra “relógio” indica que esse objeto serve para marcar as horas (do latim *horologio*); a palavra “mesa” indica que esse objeto serve para ser coberto (do latim *mensa*). Além do mais, as palavras “relógio” e “mesa” designam todas as modalidades desses objetos, independentemente de sua forma exterior ou do tamanho. Isto significa que a palavra que distingue (abstrai) de fato os respectivos indícios do objeto e generaliza objetos diferentes pelo aspecto exterior mas pertencentes à mesma categoria transmite automaticamente ao homem a experiência das gerações e serve de meio de representação do mundo mais poderoso que a simples percepção. Deste modo, a palavra faz pelo homem o grandioso trabalho de análise e classificação dos objetos, que se formou no longo processo da história social. Isto dá à linguagem a possibilidade de tornar-se não apenas *meio de comunicação* mas também o *veículo mais importante do pensamento,* que assegura a transição do *sensorial ao racional* na representação do mundo.

O que acaba de ser dito dá fundamento para designar a terceira função essencial da linguagem na formação da consciência. A linguagem é o *veículo fundamental de transmissão de*

informação, que se formou na história social da humanidade, ou seja, ela cria uma terceira fonte de evolução dos processos psíquicos que, no estágio do homem, aproximam-se das duas fontes (os programas de comportamento transmissíveis por hereditariedade e as formas de comportamento resultantes da experiência de dado indivíduo) que se verificavam nos animais.

Ao transmitir a informação mais complexa produzida ao longo de muitos séculos de prática histórico-social, a linguagem permite ao homem *assimilar essa experiência* e por meio dela dominar um ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma poderiam ser resultado da atividade independente de um indivíduo isolado. Isto significa que com o *surgimento da linguagem surge no homem um tipo inteiramente novo de desenvolvimento psíquico* desconhecido dos animais, e que a *linguagem é realmente o meio mais importante de desenvolvimento da consciência*.

A importância da linguagem para a formação dos processos psíquicos.

A importância da linguagem para a formação da consciência consiste em que ela efetivamente *penetra em todos os campos da atividade consciente do homem*, eleva a um novo nível o desenrolar dos seus processos psíquicos. Por isto a análise da linguagem e do discurso (da forma de transmissão da informação que emprega meios de linguagem) não pode ser vista apenas como capítulo especial da Psicologia mas deve ser considerada também como *atos de construção de todo o conjunto da vida consciente do homem*. É justamente por isto que o papel da linguagem ou “segundo sistema de sinais da realidade”, como a denominou Pavlov, deve ser enfocado como parte conclusiva da introdução evolucionista à Psicologia.

A linguagem reorganiza substancialmente os processos de percepção do mundo exterior e cria novas leis dessa percepção.

É sabido que existe no mundo um número imenso de objetos, formas, matizes de cores, mas é muito limitado o número de palavras que designam esses objetos, formas e matizes. Isto leva a que, quando relacionamos o objeto, a forma ou a matiz com alguma palavra (“mesa”, “relógio”, “círculo”, “triângulo” ou “vermelho”, “amarelo”), nós realmente selecionamos os traços essenciais e *generalizamos os objetos, formas e cores perceptíveis em determinados grupos ou categorias*. Isto dá à percepção humana traços que a distinguem radicalmente da percepção animal. A percepção humana se torna mais profunda, relacionada com a discriminação dos indícios essenciais do objeto, generalizada e permanente.

A linguagem muda essencialmente os processos de *atenção* do homem.

Se a atenção do animal tinha caráter imediato, era determinada pela força, a novidade ou valor biológico do objeto que dirigiam automaticamente (arbitrariamente) a atenção do animal, com o surgimento da linguagem e baseado nela o homem se acha em condições de *dirigir arbitrariamente a sua atenção*.

Quando a mãe diz ao filho “isto é uma xícara”, ela está distinguindo esse objeto de todos os demais e dirigindo para ele a atenção da criança. Quando posteriormente a própria criança assimila o discurso (a princípio exterior, depois interior), acha-se em condições de discriminar sozinha os objetos nomeados, as qualidades ou ações, tornando-se sua atenção dirigível, arbitrária.

A linguagem muda essencialmente também os processos da *memória* do homem. É sabido que a memória do animal depende consideravelmente da orientação no meio ambiente e dos motivos biológicos, que servem de reforço daquilo que é lembrado com êxito. No nível humano e apoiada nos processos do discurso, a linguagem se torna pela primeira vez *atividade mnemônica consciente*, na qual o homem coloca fins especiais de lembrar, organiza o material a ser lembrado e acha-se em condições não só de ampliar de modo imensurável o volume de informação que se mantém na memória como ainda de voltar-se arbitrariamente para o passado, selecionando nele, no processo de memorização, aquilo que em dada etapa se lhe afigura mais importante.

A linguagem do homem lhe permite desligar-se pela primeira vez da experiência imediata e assegura o surgimento da *imaginação*, processo que não existe no animal e serve de base à *criação* orientada e dirigida cujo estudo constitui área especial da Psicologia.

É dispensável dizer que só com base na linguagem e com sua participação imediata constituem-se as complexas formas de *pensamento* abstrato e generalizado; o surgimento dessas formas representa uma das aquisições mais importantes da humanidade e garante a transição do “sensorial ao racional”, considerada pela filosofia do materialismo dialético como um salto que pela importância é igual à transição da matéria inanimada para a animada ou da vida vegetal para a animal.

Não são menos importantes as mudanças introduzidas na reorganização da *vivência emocional* pelo surgimento da linguagem, que eleva a um novo nível os processos psíquicos.

Nos animais conhecemos apenas as reações afetivas expressas, que ocorrem com a participação dominante dos sistemas subcorticais e são diretamente relacionadas com o êxito ou fracasso de sua atividade e conservam plenamente sua ligação com as necessidades biológicas.

O mundo emocional do homem não é apenas incomparavelmente mais rico nem só isolado dos motivos biológicos; a avaliação das correlações das ações realmente exequíveis com as intenções iniciais, a possibilidade de uma formação generalizada do caráter e do nível dos seus acertos leva a que, paralelamente às categorias afetivas, formem-se no homem *vivências* e demorados *estados-de-espírito* que vão muito além dos limites das reações afetivas imediatas e são inseparáveis do seu pensamento, que se processa com a participação imediata da linguagem.

Por último, não se pode omitir a última tese, cuja importância é especialmente grande.

É sabido que as novas formas de comportamento individualmente variável do animal são adquiridas com base em sua orientação imediata no meio ambiente e que a aquisição de formas estáveis de semelhante comportamento se baseia nas leis dos reflexos condicionados, estudadas minuciosamente pela escola de Pavlov.

É fato bem conhecido que a aquisição de novas formas de comportamento exige um reforço relativamente longo da resposta ao sinal condicional, a repetição multiplicada da coincidência dos sinais condicionais com o reforço incondicionado. Essa ligação é adquirida paulatinamente, começa a extinguir-se tão logo desaparece o reforço e se reorganiza com relativa dificuldade num novo sistema de ligações.

Não encontramos nada semelhante na formação de novas modalidades de comportamento consciente do homem. A nova forma de atividade consciente pode surgir no homem à base da formulação discursiva de uma *regra*, que o homem estabelece com o auxílio da linguagem. Basta instruir o homem no sentido de erguer o braço ou girar a chave em resposta a um sinal vermelho e não fazer nenhum movimento a um azul para surgir imediatamente e consolidar-se essa nova relação. O advento de qualquer ação, executável com base em instrução discursiva, dispensa qualquer reforço “incondicional” (ou biológico). Sua formação dispensa elaboração longa a se estabelece de imediato; essa ação, que se estabelece de acordo com uma regra formulada no discurso, mostra-se imediatamente sólida, dispensa repetição permanente da instrução e não se extingue se essa instrução não se repete. Por último, a “conversão” dessa ação numa nova não apresenta, na norma, nenhuma dificuldade, e, para que a relação anteriormente criada seja imediatamente substituída por uma contrária, basta sugerir ao sujeito uma nova instrução, dizendo-lhe, por exemplo, que agora ele deve fazer o contrário: em resposta ao sinal azul, levantar o braço (ou girar a chave), nada fazendo ao sinal vermelho.

Tudo isso se refere à imensa plasticidade e ao caráter dirigível dos processos de atividade consciente do homem, que distingue acentuadamente o seu comportamento do comportamento do animal.

A análise minuciosa das formas dessa atividade consciente, dos meios de sua direção, das leis que servem de base ao seu desenvolvimento e das formas de sua perturbação nos estados patológicos constitui uma das tarefas fundamentais da psicologia.

LURIA, A. R. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In: LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. I, 1979. p. 71-84.